

MIGRAÇÃO, MOBILIDADE INTERNACIONAL, REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSÍVEIS EFEITOS NA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES INTERCAMBISTAS

Carla Nunes Vieira Tavares (UFU)
Adriano Henriques Lopes da Silva (UFU)¹

RESUMO: Neste trabalho, inscrito na análise de discurso francesa, analisaremos as representações de língua portuguesa de dois estudantes intercambistas no Brasil, a fim de problematizar os possíveis efeitos na subjetividade dessa via de experimentar a alteridade. Tradicionalmente, os movimentos migratórios são entendidos como investidas de mobilidade espacial entre países e regiões por um longo período de tempo. Portanto, trataremos as experiências de estudar em outro país como movimentos migratórios e problematizaremos os modos como se dá o encontro-confronto com uma outra língua, designada “estrangeira”, nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: representação, migração, aprendizagem de línguas

MIGRATION, INTERNATIONAL MOBILITY, PORTUGUESE LANGUAGE REPRESENTATIONS: POSSIBLE EFFECTS ON INTERNATIONAL STUDENTS' SUBJECTIVITY

ABSTRACT: In this study, supported by the French discourse analysis, we aim to analyze the representations of the Portuguese Language of two foreign students in Brazil, in order to discuss the effects of subjectivity on the way they experience otherness. Traditionally, migratory movements are understood as attempts of spatial mobility between countries and regions over a long period of time. Therefore, we will treat the experiences of students on international mobility as migratory movements as well as discuss the contact and confrontation with another language, normally called “foreign”, in the context of exchange programs.

KEYWORDS: representation, migration, language learning

¹ Agradecemos à CAPES que, por meio da bolsa de mestrado e do projeto Casadinho, viabilizou a pesquisa que resultou neste trabalho.



Introdução

A globalização acarreta um esgarçamento da concepção de fronteira e, conseqüentemente, um aumento nos movimentos de ir e vir devido, dentre outros fatores, à abertura econômica e política dos países e ao desenvolvimento tecnológico que possibilita deslocamentos mais rápidos, menos onerosos, aí incluídos os deslocamentos virtuais². Atualmente, a alteridade vivenciada no encontro e no confronto com o estrangeiro, a qual enseja “a aventura de exilar-se de si, de inventar-se outro, de não voltar idêntico” (FUKS, 2000, p. 85), não depende tanto do tempo em que se dá o processo, mas da experiência. Uma das formas pelas quais se dá tal experiência é a migração.

Tradicionalmente, os movimentos migratórios são entendidos como investidas de mobilidade espacial entre países e regiões por um longo período de tempo. Entretanto, afetados pelo esgarçamento da noção de fronteira, pela relativização do tempo, ambos decorrentes da globalização, e pelo conseqüente desenvolvimento tecnológico que multiplicou e facilitou a conectividade, a mobilidade global tem sido ressignificada. Assim, a migração é entendida, neste trabalho, como um movimento de desterritorialização espacial e subjetiva, pelo qual alguém tem sua ligação com o lugar por ele considerado “natal” e com sua constituição identitária desestabilizada em função da radicalidade da experiência com a alteridade. Entendida a partir dessa perspectiva, a noção de migração pode ser estendida para abarcar fluxos de pessoas entre regiões, mesmo quando o objetivo não é o de fixar moradia.

Assim, um dos processos que nos tem chamado a atenção no amplo âmbito da globalização é a internacionalização do conhecimento e as instâncias migratórias por ela propiciada. Referimo-nos, pelo termo, à promoção da multidisciplinaridade que se dá pelas vias de trocas e da

² Por deslocamentos virtuais nos referimos à experiência de interculturalidade possibilitada via rede mundial de comunicação (*internet*).

construção do conhecimento, a partir da relação possível entre diversos campos de conhecimento de diferentes partes do mundo.

Uma das vias pelas quais esse processo tem sido acirrado é o incentivo por parte de iniciativas governamentais e privadas, do intercâmbio universitário, considerado, neste trabalho, como um movimento migratório. No Brasil, os projetos que acolhem e, por vezes, financiam estudantes estrangeiros em universidades brasileiras são vários, dentre eles destacamos dois: i. mobilidade internacional, o qual, por meio de parcerias entre universidades, possibilita o acolhimento de estudantes estrangeiros por um período de seis meses a um ano³; ii. Programa Estudante Convênio de Graduação (PECG), destinado a estudantes de graduação provenientes de países considerados em desenvolvimento (em especial da África e América Latina), com objetivo de formar profissionais graduados em parceria com os governos dos países de origem⁴. Nesse caso, o estudante cursa toda a graduação na universidade de acolhida.

Este trabalho pretende focar uma dentre as muitas experiências de alteridade que estudantes universitários intercambistas estrangeiros no Brasil vivenciam: o processo de aprender a língua do país de acolhida.

Uma língua constitui uma materialidade linguístico-discursiva, porosa e heterogênea, pela e na qual o sujeito é representado e se faz representar, decorrendo desse pressuposto que ela possa ser considerada um meio pelo qual o sujeito é subjetivado e, ao mesmo tempo, se constitui. Assim, aprender uma língua outra, diferente daquela por meio da qual alguém teve seu primeiro acesso à linguagem – comumente dita “materna” -, representa um desafio para aqueles que se engajam em aprendê-la. Por um lado, o processo aponta para o confronto com uma discursividade diversa daquela em que os significados encontram-se ilusoriamente estabilizados. Por outro, pode significar um encontro com uma outra posição discursiva da qual alguém

³ O programa é bilateral, o que permite tanto o envio como o acolhimento de estudantes.

⁴ Mais informações sobre os dois programas podem ser obtidas em <http://www.dri.ufu.br/pt-br/node/54>



possa enunciar, ensejando novas possibilidades para se posicionar enquanto sujeito discursivo.

O modo como se dá esse encontro-confronto com uma outra língua, normalmente designada “estrangeira”, em contextos de intercâmbio estudantil é o tema deste trabalho. Acreditamos que o processo de alguém ver-se inserido e as tentativas de inserir-se em uma outra língua-cultura⁵, ainda que por um período de tempo limitado, como é o caso do intercâmbio estudantil, configuram-se como um dos efeitos da migração e são afetados pelas representações de língua, o português, e de país, o Brasil, constitutivas da memória discursiva dos estudantes.

Assim, por meio de um estudo de caso com dois intercambistas, um africano e outro europeu, estudantes na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2012, problematizamos as representações que emergem de seus dizeres, transcritos de entrevistas gravadas e analisadas. Objetivamos investigar se há uma relação entre a memória discursiva de língua portuguesa e de Brasil e a aprendizagem da língua estrangeira, a fim de discutirmos alguns dos efeitos dessa experiência de migração na constituição subjetiva dos estudantes. Subsumimos como fator enriquecedor trabalhar com estudantes de dois continentes diferentes, pois, ao analisarmos os dizeres, possivelmente poderíamos nos deparar com representações contraditórias de língua portuguesa e de Brasil, pois o dizer dos entrevistados poderia indiciar a posição discursiva do sujeito enunciador, está marcada pelas condições sócio-histórico-ideológicas.

Expomos, inicialmente, os procedimentos de pesquisa. Em seguida, discutimos os pressupostos teóricos que a embasaram antes de proceder à discussão dos resultados de análise. Por fim, apresentamos algumas considerações que não concluem a questão, mas apresentam possibilidades de continuidade da pesquisa.

⁵ Amparamo-nos em Coracini (2007) para relacionar língua à cultura como indissociáveis (marcado aqui pelo hífen, como o faz a autora), visto que consideramos a língua como uma construção sócio-histórico-ideológica, o que fatalmente a coloca na dependência da cultura na qual é veiculada para produzir sentidos.

1. O fazer metodológico

Como parte de um projeto maior intitulado “Incidências subjetivas no ensino-aprendizagem de língua estrangeira”, este estudo de caso constituiu uma iniciativa piloto de estender o escopo do referido projeto para abarcar o contingente crescente de estudantes universitários intercambistas estrangeiros na UFU e o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE)⁶. De acordo com um levantamento feito a partir de dados fornecidos pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFU⁷, constatamos que o número de intercambistas estrangeiros cresceu de 40 estudantes em mobilidade no ano de 2009, para 63 em 2012.

A pergunta motivadora da pesquisa indagava sobre as razões de tal aumento. Parecia-nos que a procura crescente se devia ao discurso de Brasil como país de oportunidades e promissor economicamente, veiculado em algumas reportagens nacionais e internacionais da época. Elaboramos, então, a hipótese de que as representações de língua e de país dos estudantes intercambistas indicariam uma imbricação da incidência dessa imagem de Brasil novo com estereótipos mais antigos e consolidados, repercutindo no encontro-confronto com a língua de acolhida, para eles, estrangeira. Tomamos estereótipos como sendo um conjunto de ideias que se cristalizam, de certa forma delineando posições subjetivas e reforçando representações sobre o Brasil e a Língua Portuguesa. Baseados nas noções de memória e de pré-construído de Pêcheux (1999), Amossy e Pierrot (2005, p. 113) propõem que:

a noção de estereótipo encontra-se duplamente relacionada ao pré-construído: em primeiro lugar, no sentido de que designa um tipo de construção sintática que põe em cena algo afirmado antes, independentemente; e, em segundo lugar, no sentido mais amplo de que o pré-construído seria uma espécie

⁶ A nomenclatura designada ao ensino de língua portuguesa para estrangeiros tem sido uma das muitas questões debatidas atualmente na Linguística Aplicada no Brasil. Optamos, neste trabalho, por designar a língua em jogo no processo como “Português Língua Estrangeira” (PLE), um dos termos usados na área, pois ele se alinha a nossas considerações sobre a estrangeiridade na constituição identitária.

⁷ Dados fornecidos em 2011.

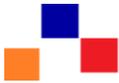


de “rastros” no enunciado individual, de discursos e juízos prévios cuja origem enunciativa foi esquecida.

Contamos, então, com o apoio da DRI/UFU para termos acesso aos estudantes intercambistas em mobilidade internacional, seja por meio do Programa de Mobilidade Internacional ou do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PECG)⁸. Convidamos alguns deles a participarem da pesquisa e, após termos o consentimento formal assinado, gravamos entrevistas com quatro entrevistados. As perguntas giravam em torno do imaginário de Brasil e língua portuguesa que envolvia esses estudantes antes da mobilidade e após o período de vivência no país⁹. Por, na ocasião, tratar-se de um estudo piloto, após ter o projeto de pesquisa aprovado, elegemos dois dentre os quatro entrevistados para que tivessem seus dizeres analisados, sob o critério de serem provenientes de continentes diferentes (África e Europa) e terem sido os que mais livremente se expressaram sobre o tema da pesquisa. Gravadas as entrevistas, analisamos os dizeres dos participantes, a fim de levantarmos as representações de língua portuguesa e de Brasil e os efeitos de sentido com respeito à relação que os estudantes intercambistas travaram (ou não) com a língua do país de acolhida. Interessava-nos investigar em que medida as representações de língua, língua portuguesa e de Brasil poderiam incidir na constituição subjetiva dos estudantes. Para tanto, primeiramente focalizamos as recorrências dos termos língua, língua portuguesa, Brasil e país. Em um segundo momento, analisamos o funcionamento discursivo dos dizeres que abordavam esses objetos de discurso. Nossos gestos de interpretação se pautaram em uma perspectiva discursiva afetada pela psicanálise, conforme exposto a seguir.

⁸ Aos estudantes que participam de programas de mobilidade internacional é possível a estadia no país de acolhida por um período de até dois semestres, desde que exista um convênio entre as universidades dos diferentes países e que, entre as disciplinas cursadas no país de acolhida, haja um aproveitamento de no mínimo 50% dos créditos. Além disso, o estudante pode adquirir sua dupla diplomação desde que permaneça por dois anos no país de acolhida cursando disciplinas e desenvolvendo projetos sob a orientação de um professor. No caso do PECG, o convênio é firmado especialmente entre o Brasil e países da África e América Latina. O intuito do programa é possibilitar a alunos desses países a realização de toda a graduação no país de acolhida.

⁹ O roteiro com as perguntas encontra-se no final do trabalho em questão.



2. Referencial teórico-metodológico

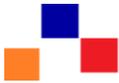
A perspectiva discursiva permite questionamentos quanto à relação que o discurso estabelece entre pensamento, linguagem e mundo, à força subjetivadora do discurso e sua relação com os efeitos de sentido no dizer, bem como enseja a discussão dos modos como se instaura (ou não) a relação sujeito-língua. Permite, ainda, discutir em que medida essa possível relação se articula ao processo de aprendizagem de língua e à representação de Brasil dos participantes da pesquisa. O pressuposto é que os modos como um sujeito encara o encontro-confronto com uma língua diferente daquela na qual primeiro se deu sua inscrição no universo de linguagem afetam a constituição subjetiva. Assim, objetivamos discutir os efeitos de (re)configuração das representações sobre as posições subjetivas dos participantes decorrentes da experiência com a alteridade durante o período de habitação no Brasil. Por isso, para embasar nossos gestos de análise, adotamos os estudos discursivos afetados pela psicanálise, em especial os trabalhos de Pêcheux (1988) e de Coracini (2007), pois eles encaram o compromisso de trabalhar e considerar a exterioridade no discurso. A exterioridade refere-se aos efeitos do ideológico, do histórico, do social e, neste artigo, em especial, ao efeito do inconsciente, estranho à univocidade lógica, que se indicia sub-repticiamente no discurso, deixando flagrar traços do sujeito na e da enunciação (TAVARES, 2013). Conseqüentemente, nossos gestos de análise acolheram, também, várias considerações de pensadores que se valem de conceitos da psicanálise para discutirem os efeitos da estrangeiridade na constituição subjetiva de estudantes estrangeiros.

Assim, não se trata de considerar o sujeito como instância empírica e essencialista, mas enquanto uma posição discursiva ocupada por aquele que dali se põe a enunciar, posição eivada da história, da ideologia e do inconsciente que assinalam não só o que pode e deve se dizer, como também o que escapa e assinala algo da subjetividade em questão quando alguém enuncia. Por isso, a noção de sujeito neste trabalho não se remete ao indivíduo



como algo singular e separado de sua prática social. Antes, alguém só advém como sujeito na medida em que está inscrito e se inscreve na linguagem. Não há lugar para o sujeito fora do processo discursivo; portanto, sua constituição está na dependência das posições discursivas que sua subjetivação, via linguagem, lhe permite assumir e dos processos de subjetivação que constituem sua subjetividade. Dentre esses processos, interessam-nos, em especial, os de identificação, abordados mais adiante. No que denominou a segunda de três épocas da Análise de Discurso, Pêcheux propôs que o funcionamento discursivo permite a produção de um efeito de unidade e de evidência em uma determinada formulação, assinalando o sujeito do discurso. A evidência de um sujeito único, insubstituível e idêntico a si mesmo é construída pela ilusão constitutiva da instância egóica, o Eu, que o faz crer que é origem do que diz e que pode controlar os sentidos de seu dizer. Os trabalhos pecheutianos se referem a essa ilusão como esquecimentos concomitantes e indissociados – esquecimentos no. 1 e no. 2 – que produzem uma evidência de sujeito único, insubstituível e idêntico a si mesmo. A esse efeito que possibilita a construção de uma unidade egóica e, portanto, imaginária, a partir de uma ilusão subjetiva, Pêcheux (1988) nomeou de efeito-sujeito. Desse modo, concordamos com Coracini (2007, p.17), quando afirma que “o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação”.

Retomando as identificações e sua importância na constituição subjetiva, elas se dão ao longo da vida e são instauradas de modo a possibilitar uma imaginária unicidade ao sujeito. Constituem um dos processos de subjetivação, responsáveis por mediar a relação sujeito-mundo, assim deixando flagrar os laços emocionais entre sujeito e objeto. Na perspectiva psicanalítica, o processo de constituição subjetiva se dá a partir da dissolução de uma unidade originária mítica, marcada pela dualidade (mãe-filho). Com a separação, instauradora da falta e instituída pelo início da castração, a unidade antes experimentada sempre será desejada, mas jamais alcançada. Essa é a ambiguidade da operação de constituição do sujeito. As identificações



e seus avatares, paradoxais como possam ser, são os modos pelos quais o sujeito tenta, sem sucesso, o retorno a uma mítica completude.

No que diz respeito ao discurso e seu caráter subjetivante, as identificações podem ser instauradas às diversas formações discursivas (FD), responsáveis pela construção discursiva dos objetos do mundo e pela pretensa unidade imaginária que lhes reveste, apesar da dispersão dos enunciados que os constituem discursivamente. As FD determinam, em grande medida, o que pode e deve ser dito, inserindo-se na categoria pecheutiana de pré-construído, possibilitadora dos efeitos de sentido produzidos no discurso. Para enunciar, alguém se identifica a diferentes FD e, desse modo, seu dizer deixa flagrar a contradição e a heterogeneidade constitutiva do discurso, indiciando os pontos das FD em torno dos quais foram instauradas identificações e os pontos de resistência do sujeito a elas, aludidos por Pêcheux (1988) como sendo as desidentificações. O dizer do sujeito, então, não tem origem em um ato consciente. Ele é reflexo do pré-construído, prefigurado nas FD, associado aos processos de subjetivação que levaram um determinado sujeito a identificar-se a certos enunciados sobre determinado objeto do discurso. É, portanto, característica de uma FD “dissimular, na transparência do sentido que aí se forma (...)”, o fato de que isso “fala sempre, antes, fora, ou independentemente (...)” (PECHEUX, 1988, p. 147). Os esquecimentos constitutivos da posição sujeito apenas contribuem para dissimular as identificações às várias formações discursivas para que alguém enuncie e seu dizer faça (algum) sentido.

As identificações podem, também, ser indiciadas por meio das representações presentes nos dizeres. Por representação, entendemos uma construção discursiva apoiada na propriedade parafrástica e polissêmica da linguagem, que visa a recobrir os objetos do mundo por meio da linguagem, de forma que eles façam (e produzam) sentidos. A linguagem é constitutiva de um sistema simbólico, que possibilita efeitos de sentidos a partir do jogo ideológico e das condições sócio-históricas, que são da ordem de uma exterioridade ao sujeito. Toda produção linguística consiste em formas de



(re)produção de efeitos de sentidos que possibilitam a construção de representações materializadas via linguagem. Devido ao caráter opaco da linguagem, porém, a representação jamais conseguirá abarcar o objeto pela palavra. Apesar disso, como ressaltado anteriormente, o sujeito enunciador se constitui na ilusão de que é origem da produção de seus dizeres e de que estes veiculam sentidos claros que resultam de sua intencionalidade. A faculdade de representar o mundo é responsável por permitir ao sujeito atribuir sentido a ele e, nele, assumir uma posição, indiciando que toda prática de representação deixa flagrar não só a incidência do sócio-histórico-ideológico na discursivização dos objetos, mas, também, a subjetividade que marca a relação do sujeito com eles. De acordo com WOODWARD (2008, p.17):

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Dessa forma, a análise das representações de língua, de língua portuguesa e de Brasil perceptíveis nos dizeres dos participantes desta pesquisa podem apontar para as diferentes condições sócio-históricas que possibilitaram o seu surgimento, para as FD ali presentes e para as identificações instauradas a elas e a traços desses objetos representados, possibilitando a discussão de possíveis efeitos dessas identificações para a constituição subjetiva dos participantes da pesquisa.

Além das formações discursivas, a noção de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1998) contribui para pensarmos as antecipações que compõem as relações de sentido possíveis de serem percebidas nos dizeres de nossos participantes de pesquisa. Ao enunciar, alguém o faz de uma posição discursiva regulada pelos mecanismos que regulam o funcionamento discursivo em uma determinada formação social. Eles estabelecem regras que permitem aos interlocutores fazerem projeções de sua posição discursiva, estabelecendo variadas antecipações a partir das relações de força em jogo na

enunciação. Por meio da antecipação, os interlocutores podem prever o efeito de suas palavras, indiciando, assim, como a posição da qual alguém enuncia intervém nas condições de produção do dizer. Mas como a exterioridade constitutiva da linguagem não se resume ao sócio-histórico-ideológico, há que se considerar, ainda, a subversão do desejo que incide no dizer por meio de suas brechas¹⁰.

A fim de problematizar os efeitos de sentido que as representações podem deflagrar, recorreremos, ainda, à noção de interdiscursividade. O interdiscurso se refere à instância de exterioridade constitutiva do discurso que se refere ao pré-construído. Nas palavras de Gregolin (2007, p. 159):

O interdiscurso é o lugar em que se constituem, para um sujeito que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio das quais o sujeito enunciador dará coerência a seu propósito no interior do *intra-discurso*, da sequência discursiva que ele enuncia.

Se, por um lado, Pêcheux reputa as reformulações e paráfrases constitutivas do dizer à operação do já-dito e às identificações às formações discursivas e ideológicas (interdiscurso), por outro, ele postula que as brechas do dizer, ou seja, aquilo que falha, que equivoca, aponta para o efeito da operação do inconsciente do sujeito no dizer. As decorrências das noções de *intra* e de *interdiscurso*¹¹ para a noção de memória sustentam uma prática analítica calcada na relação entre essas instâncias do pré-construído.

A memória não é considerada como uma substância ou espaço homogêneo; pelo contrário, é um espaço instável cuja heterogeneidade é a marca principal, mas constituído por forças homogeneizadoras, a fim de amenizar os conflitos entre o que lhe é novo e o que já é estabelecido,

¹⁰ Consideramos 'brechas' no dizer qualquer indício na materialidade linguística que evidencie a contradição, os lapsos, os chistes, a ambiguidade.

¹¹ Retome-se a diferença entre intradiscurso e interdiscurso: o primeiro se refere ao fio do dizer, enquanto o segundo, à instância não linear do dizer, ou seja, à operação do pré-construído, que deixa flagrar o discurso do Outro, constitutivo dos efeitos de sentido produzidos nas práticas discursivas.



conforme pontua Pêcheux (1999). O autor propõe que a memória seja: “[...] necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p.56).

A memória discursiva, portanto, é o que permite estabelecer os implícitos possíveis de serem lidos. Entendemos implícitos aqui como o que é reconstruído com base no que existe no imaginário que os representa como memorizados e “cuja explicitação (inserção) constitui uma paráfrase controlada por esta memorização” (ARCHARD, 1999, p.12). Archard (1999), inclusive, levanta a hipótese de que, por meio da repetição, aconteceria uma “regularização” discursiva (termo cunhado por ele) que admitiria os implícitos sob a forma de remissões, retomadas e de efeitos de paráfrases, o que, para Pêcheux (1999), explicaria a construção dos estereótipos. Entretanto, perante um acontecimento novo, a regularização pode desestabilizar-se e, assim, deslocar e desregular os implícitos associados às regularizações anteriores ao acontecimento.

Nossa filiação a essa perspectiva teórico-metodológica possibilitou incluir, em nossos gestos de análise, os efeitos de sentido que resultam da tensão em jogo nos processos de representação de mundo que os estudantes estrangeiros empreendem durante a migração, considerando tanto os processos sócio-históricos quanto a clivagem do sujeito na constituição e na dispersão dos sentidos. Os modos do encontro-confronto com outra língua, portanto, são problematizados tomando a incidência do sócio-histórico-ideológico e a divisão subjetiva como operadores dos efeitos de sentido nas práticas discursivas.

3. Os gestos de interpretação

Tomamos para a análise os dizeres dos dois participantes, um europeu e outro africano, recortados de duas entrevistas que se mostraram mais

relevantes por deflagrarem mais a experiência dos entrevistados com a língua estrangeira. Valemo-nos da noção de recorte conforme discutida em Orlandi (1984, p.14), que a compreende como uma “unidade discursiva, ou seja, fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação”. Nossos gestos de interpretação já são instaurados no próprio ato de recortar determinados dizeres dos entrevistados em detrimento de outros, pois constituem tentativas de analisar recorrências de temas, como eles são discursivizados e seus possíveis efeitos de sentido. Assim, nossos gestos de interpretação dos recortes constituem um ato simbólico de intervenção no mundo, amparado pelo dispositivo teórico da Análise de Discurso de linha francesa (ORLANDI, 2004).

Para efeito de proteção do anonimato dos participantes, chamaremos o estudante europeu de E1 e o africano de A1. E1 é francês e estava em processo de mobilidade internacional para estágio no curso de Engenharia Mecânica, enquanto que A1 é de Benin e estava fazendo sua graduação em Arquitetura no Brasil, por meio do programa PECCG. Ambos são falantes nativos de francês.

A análise das representações de língua portuguesa e de Brasil apontou a possibilidade de as discutirmos a partir de um eixo temático, a língua como estranha familiar, resultante das representações de português antes de virem morar no país. Ressaltamos que alguns aspectos dessas representações podem ter sofrido mudanças antes da pesquisa e que não necessariamente se circunscrevem a um passado, pois esses estudantes foram entrevistados quando já residiam no país. Decidimos, porém, referir-nos a elas como representações anteriores ao período de migração, devido à recorrência de dêiticos temporais ou de palavras que cumpriam essa função, tanto nas perguntas da entrevista quanto nas respostas dos participantes. Tal recorrência pareceu-nos assinalar um lugar temporal para as representações que, em princípio, pareciam contrastar com a experiência de Brasil e de língua portuguesa durante a mobilidade internacional. Passamos, então, a discutir esse eixo.



3.1 A língua como uma estranha familiar

Mobilizamos, aqui, recortes que remetem à relação dos estudantes intercambistas com a língua do país de acolhida.

Recorte 1 (E1): Pela Língua Portuguesa¹² eu fui uma vez a Portugal e não conseguia entender nada, nenhuma palavra, só ouvia a falar ‘shhhh... shhhh...shhhh’, quando cheguei aqui achei que ia ouvir o mesmo ‘shhh...shhh...shhhh’, mas não // Acho que o português do Brasil é mais fácil de entender para mim, é uma língua latina // mas a pronúncia é mais parecida com o espanhol de Espanha do que o Português de Portugal.¹³

Recorte 2 (A1): Eu vou falar uma coisa engraçada, [...] para mim o Português// se você fala Francês era só colocar ‘o’ ‘a’ nas palavras e você já estaria falando Português/ mas depois de estudar/ a imagem mudou muito / os sons são muito diferentes // não é bem o que eu pensava não, mas também eu sabia que não ia ser tão difícil para mim aprender, por ser parecido com o Francês, eu sabia que não ia ser muito complicado.

Ambos os participantes declaram pouca familiaridade anterior com o Português. Nos recortes, evidencia-se a representação de língua como chiada e guardadora de parentesco com outra língua latina, o francês. Note-se o movimento de amenizar a diferença, sugerindo, assim uma proximidade com o que é familiar. A percepção da proximidade pode, talvez, ser atribuída a traços da memória discursiva dos participantes sobre as línguas em questão. No dizer dos participantes, a interdiscursividade de que a pretensa semelhança simplifica o processo de aprendizagem da língua parece indicar um ponto de identificação que permite uma primeira aproximação à língua estrangeira. No recorte 1, há a proposição de que o chiado do português de Portugal se repetiria no Brasil, talvez porque a língua falada nos dois países guarda a mesma denominação. No recorte 2, a perseguição ao que é familiar se

¹² Legenda Sinal Significado; / Pausa curta; // Pausa longa; [...] Pausa muito longa; [incomp] Algo incompreensível na gravação; (...) Algo dito entre falas e que são irrelevantes para a pesquisa; CAIXA ALTA: Algum fonema ou palavra pronunciada com forte ênfase; P: Pesquisador.

¹³ A transcrição foi feita exatamente da forma como os alunos falaram, então é possível que haja confusões e erros gramaticais nas falas, e também diferença de fluência entre um e outro, até mesmo porque E1 estava no Brasil apenas por três meses enquanto A1 havia três anos.

materializa no enunciado simplista de que bastaria acrescentar um elemento para que uma língua, a francesa, se transformasse em outra, a portuguesa. Percebem-se, assim, tentativas de identificação com pontos da língua estrangeira que pareçam familiares, o que indicia uma posição discursiva que se identifica com dizeres recorrentes na memória discursiva referente à semelhança entre as línguas latinas. Acalentar uma imagem de familiaridade com o que era desconhecido até o momento do contato com o português brasileiro poderia redundar na representação de uma entrada mais “fácil” na língua do país de acolhida. Amenizam-se, assim, a diferença, a especificidade, a história de cada língua e sua relação com a cultura do outro.

Entretanto, é possível perceber nos recortes a experiência de estranhamento que toma conta de qualquer aprendiz que tem um encontro-confronto com uma língua outra que não aquela que primeiro permitiu seu acesso à linguagem. Conforme nos mostra Revuz (2001), o *eu* que fala uma língua estrangeira busca uma completude (o UM) por meio do outro, no caso, uma nova forma de se inscrever discursiva, psíquica e cognitivamente por meio de uma outra língua que não seja a língua considerada materna. Nesse movimento, corre-se o risco de deslocar-se e tornar-se um pouco o outro estrangeiro.

A presença de orações adversativas marca fortemente um antes e um depois, funcionando como dêiticos temporais que constroem o efeito comparativo do antes e do depois da imersão na Língua Portuguesa. Antes, o encontro imaginário com a língua do outro, representada como acessível devido à facilidade e simplicidade imputadas à aprendizagem, decorrentes das semelhanças atribuídas entre as duas línguas. Depois, o confronto que se desenha na dificuldade com novos sons, com a ruptura do imaginário diante da estrangeiridade que se experimenta na discursividade do outro (no recorte 1, “mas a pronúncia é mais parecida com o espanhol de Espanha do que o Português de Portugal”; no recorte 2, “os sons são muito diferentes, não é bem o que eu pensava não”). Tal funcionamento discursivo parece sugerir efeitos de sentido que remetem à experiência de uma estranha familiaridade com essa



língua, o *unheimlich* problematizado por Freud (1919/1980) e, normalmente, traduzido por “estranho familiar”. De acordo com o psicanalista, o que provoca o estranhamento não é algo considerado novo, mas o retorno de algo recalçado que surpreende o sujeito.

As associações que E1 e A1 tentam estabelecer entre a língua que eles consideram materna (o Francês) e a língua do país de acolhida, para eles vivida no seu caráter de estrangeiridade, nos remeteram às considerações de Melman (1992) sobre a subjetividade nas experiências de migração. Segundo o psicanalista, além de a língua mediante a qual primeiramente acedemos à linguagem veicular a lembrança daquela que nos introduziu na fala, é também aquela em que a mãe nos é interdita por meio do que, na psicanálise freudiana, se denomina castração (MELMAN, 1992). É justamente por esse motivo que uma língua nos é ou não materna. Para ser materna, tem que ser o nosso *heim* (do alemão e que quer dizer íntimo, familiar); mas a língua materna sempre traz algo de “secreto”, “escondido” — o *unheimlich* freudiano. A língua materna, portanto, encerra em si o que nos é íntimo e natural, ao mesmo tempo em que traz o estranho e o recalçado. O jogo do significante na língua materna possibilita a escuta do desejo daquilo que é impossível. Como o desejo não pode calar-se — mas está interdito —, falamos sempre um pouco mais. Os “excessos” se enunciam em forma de lapsos, deslizos e tropeços, que traem a presença do desejo e o faz escutar. Porém, muitas vezes é possível falar uma língua estrangeira melhor do que a língua materna. Melman (1992) ressalta que, nesse caso, é como “se tivéssemos triunfado a barreira oposta pela significância e que tudo, a partir de então, pudesse ser dito” (1992, p. 33). Talvez derive daí o sentimento de “facilidade” que E1 e A1 experimentam na aprendizagem da língua estrangeira, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta também como um desafio.

Entretanto, no cerne da identificação reside o paradoxo, podendo mesmo remeter à ambiguidade que constitui o sujeito humano que jamais conseguirá saber ao certo a causa que o determina (FREUD, 1921/1996). O que

causa a experiência de familiaridade em meio ao estranhamento pode, também, abrir a brecha para a experiência inversa. A esse respeito, Kristeva (1994, p. 199) afirma que “a sensação do insólito é o motor da identificação com o outro, elaborando o seu impacto, despersonalizando-o por meio do espanto”. O insólito parece indiciar-se na posição discursiva que o imaginado domínio da língua portuguesa poderia conferir a A1, conforme discutimos a partir do próximo recorte:

Recorte 3 (A1): O Português é uma língua que gosto de falar/ se eu for para meu país estar perto de alguém conversando em português lá eu vou me achar o cara/ porque ninguém fala português lá/ mas eu gosto do português/ eu acho uma língua muito boa/ muito legal//

A resposta de A1 se refere à pergunta “Qual sua relação com a língua portuguesa?”. Pensando nas formações imaginárias em jogo nas práticas discursivas, a posição sujeito da qual A1 respondia era a de estudante em mobilidade internacional e, portanto, migrante. Ele se endereçava a um pesquisador nativo do país de acolhida e, portanto, possivelmente reputado imaginariamente como quem domina a língua (KRISTEVA, 1994)¹⁴. Enquanto sujeito discursivo, portanto, A1, em sua resposta, poderia ter como uma das antecipações constitutivas das relações de sentido e de força em jogo na prática discursiva aludido à necessidade de falar a língua do país que o recebia, às dificuldades que travava com a aprendizagem dessa língua que, para ele, era estrangeira, à diferença que se instituía cada vez que, como estrangeiro, tomava a palavra. O inusitado, porém, não se marca por essa via.

Pelo contrário, diferentemente de alguns estudantes que resistem à língua estrangeira e com ela mantêm apenas uma relação utilitarista, beirando a instrumentalidade, A1 parece instaurar processos identificatórios com o português. Estes talvez tenham silenciado em sua resposta tanto algum possível conflito, como a valorização que possivelmente revestia a língua por remeter ao Brasil, país que vinha recebendo a atenção da mídia como sendo

¹⁴ Imaginariamente, pois, sob a perspectiva discursiva, o domínio de uma língua, ainda que seja a materna, é da ordem da ilusão.



um país de oportunidades. A experiência do participante com a língua parece permitir-lhe projetar-se para uma outra posição discursiva para falar de sua relação com o português, na qual ele não mais seria o estrangeiro que fala uma língua puramente movido pela necessidade de fazê-lo, mas como sendo o nativo que, ao retornar ao seu país, conseguirá dizer-se em uma língua que “ninguém fala”. O que parece marcar a relação de A1 com essa língua, então, é o inusitado e a identificação com alguns de seus aspectos, tais como a sonoridade e outros tantos que podem estar condensados nos adjetivos “boa” e “legal.

A possibilidade ilusória de ser o único falante dessa língua em seu país natal remete ao exotismo possível de ser conferido à língua portuguesa. Por um lado, tal sentido parece ser ratificado pela memória discursiva sobre o Brasil, que evoca esse traço, reforçado nas produções culturais sobre o país, em especial no discurso cinematográfico sobre o Brasil desde o século XX, conforme assinala Almeida Filho (2010, p.13):

A década de 50 no século 20 marcou especialmente um ciclo de desenvolvimento econômico e cultural do país contaminado por grande otimismo com relação ao futuro, por forte aceleração da vida urbana e pela explosão de certa imagem mundializada e certamente projetada a partir dos Estados Unidos da América nas estilizações tropicalistas pioneiras da artista performática luso-brasileira Carmem Miranda. O Brasil passa, então, a alimentar um imaginário mundial de alegria cantante e dançante, de lugares belos e exóticos, de gente criativa e feliz que se oferece como alternativa de viver nos outros lugares do mundo.

Por outro lado, representar-se como “o cara” que fala uma língua “legal” confere ao participante a excentricidade, a singularidade e a estrangeiridade associadas ao que é exótico.

O recorte indicia, ainda que indiretamente, o prestígio conferido à língua portuguesa. O valor atribuído à língua portuguesa e àquele que ilusoriamente a domina, como o estudante africano se imagina, poderia estar atrelado às discursividades de Brasil da época em que as entrevistas foram feitas, momento em que o país despontava como economicamente promissor,

em contraste com a crise mundial que assolava Europa e Estados Unidos. Além disso, a língua portuguesa está entre as cinco línguas mais faladas do mundo, sendo o idioma oficial de nove países, de acordo com o *site* da embaixada de Portugal¹⁵, o que lhe garante certo valor social e político no mundo, em especial, no continente Africano, onde há seis países que o adotam oficialmente. O Brasil tem multiplicado acordos de cooperação acadêmica na África, conseqüentemente contribuindo para elevar o *status* que a língua portuguesa desfruta na memória discursiva de estudantes universitários daquele continente, de forma a repercutir na procura do país por estudantes em mobilidade internacional¹⁶. Nesse gesto de interpretação, estamos considerando o deslocamento que representação de língua estrangeira tem sofrido, ganhando contornos mais próximos ao de mercadoria e de produto do que de expressão cultural (GRIGOLETO, 2007). O apagamento do valor cultural conferido à língua em favor de sua valoração como conhecimento, mercadoria e como instrumento de sobrevivência no mundo contemporâneo é um dos efeitos do discurso da globalização no que concerne a aprendizagem de línguas (MOITA LOPES, 2008), o que poderia justificar a valorização do domínio da língua estrangeira como fator diferencial.

Assim, projetando-se no tempo e no espaço, o participante representa-se como alguém que, quando voltar a sua terra natal, terá inscritos, em sua constituição subjetiva, traços de sua experiência em um país dito “de acolhida”, cuja língua ele escolheu como resultado das identificações promovidas com ela e por meio dela, que conferirá a ele um *status* diferente de seus pares conterrâneos. Não voltará como estrangeiro, mas como diferente, estranho, quem sabe exótico. Ressaltamos que na perspectiva discursiva adotada aqui, afetada pela psicanálise, o sujeito pode escolher o(s) objeto(s) de suas identificações, seja respondendo às interpelações da ideologia, seja atendendo ao desejo, ou na resistência do inconsciente.

¹⁵ Disponível em: <http://www.embassyportugal.se/>. Acesso em 12/09/2013.

¹⁶ Esse é o tema de um trabalho que está no prelo (TAVARES e HENRIQUES, 2014, no prelo)



3.2 Língua como uma familiar estranha

No trabalho de análise das entrevistas, percebemos outras representações que poderiam ser localizadas como derivadas da experiência dos participantes durante a mobilidade internacional. A análise dessas representações possibilitou-nos gestos de interpretação sobre efeitos de sentido que sugerem o polo inverso daquele analisado no tópico anterior: a familiar estrangeiridade com que se dá o encontro-confronto com a língua do país de acolhida. Vejamos os recortes seguintes:

Recorte 4 (A1): Primeiro uma coisa importante/ eu acho o Português do Brasil // assim// não é muito complicado/ Eu acho ele muito simplificado/ para poder falar principalmente/ porque quando eu tava estudando/ a gente ouviu o Português de Portugal e o Português do Brasil/ e quando eu ouvi o Português do Portugal EU TIVE MEDO// [...] Hoje eu acho o Português uma língua muito tranquila, muito tranquila mesmo, não tive dificuldade de aprender. Agora o que me complica muito é escrever em Português/ porque antes de aprender o Português eu não tinha percebido que o jeito de escrever // assim// eu penso em Francês na hora de escrever em Português e isso é complicado/ e sempre tenho essa dificuldade na faculdade (...) aqui é uma mente/ lá é outra mente/ então as ideias não se falam exatamente da mesma forma/

Recorte 5 (E1): Acho que como é uma língua latina é mais fácil para pessoas de língua latina/ porque têm muitas palavras que o radical da palavra é parecido entre as línguas// (...) Mesmo escrito acho que para europeu que fala língua latina é mais fácil de falar o português falado // mas quando é escrito é mais fácil por causa do radical das palavras/ não tive muita dificuldade para falar o Português/ Quando escolhi vir para aqui eu nunca achei que eu falarei como estou depois de três meses// (...) quando falei com as outras pessoas que fizeram estágio aqui eles disseram que o Português era fácil para nós e que não era muito difícil//

Pensando que ambos os participantes são falantes de Francês, parece que a dificuldade em aprender o Português não foi tão grande, se considerada a perspectiva de aprendizado do português do Brasil, pois os dois aludem ao fato de que o Português de Portugal é algo estranho e de sonorização

complicada. Entre as razões para a facilidade de aquisição da língua portuguesa, assinalamos elementos do dizer do próprio estudante E1 que apontam para questões estruturais da língua que facilitariam o seu aprendizado. Visto que ele explicita a semelhança de radicais nas duas línguas (francês e português), as construções linguísticas ajudariam no aprimoramento de suas habilidades na língua alvo. Porém, também acreditamos que, nesses recortes, alguns aspectos da subjetividade podem ser indiciados, apontando para a relação do sujeito com a língua estrangeira.

Já discutimos a recorrência de uma exaltação e identificação com a cultura brasileira, tornando possível inferir que, por meio de identificações com traços da cultura brasileira, é possível que os participantes tenham tido uma entrada facilitada na língua do outro. A empatia pela cultura e o jeito de ser do brasileiro destacam-se em ambos depoimentos.

O elemento eleito como facilitador nos recortes foi o fato de falarem uma língua de origem latina, mas, com base nos dizeres que compuseram o *corpus* da pesquisa, alguns dos quais aqui comparecem como recortes, sugerimos que as identificações com e na língua dita estrangeira causaram uma brecha na subjetividade por meio da qual uma outra forma de interpretação de mundo foi possível, resultante, talvez, de uma experiência radical com a alteridade durante o período de migração. Como indícios desta possibilidade, ressaltamos o encontro com uma nova sonoridade que encanta (recorte 1); a reputada facilidade que vem pela semelhança imaginarizada e valorizada entre as línguas (recortes 2,4 e 5); a vontade inusitada de tomar a palavra na língua do Outro em seu próprio país para marcar uma diferença que pretensamente valorizaria o estudante africano (recorte 3); os processos de identificação a traços da cultura brasileira que talvez pudessem ser encarados como porta de entrada facilitadora na língua deste estranho acolhedor que, aos poucos e em decorrência do acirramento das possíveis identificações, adquire para o estrangeiro uma “tranquila” familiaridade. Dessa forma, inserir-se na cultura implica fazer parte do universo linguístico que a envolve e vice-versa. Língua e cultura, portanto, encontram-se indissociadas. Sentir-se parte da



cultura brasileira indicia, portanto, um movimento de apropriação da língua por meio da qual essa cultura é mediada e representada, assim como apropriar-se da língua portuguesa é deixar-se abrir para a cultura por ela representada e mediada.

Talvez seja possível afirmar que o confronto com uma língua outra, inerente ao início de um processo de aprendizagem, aos poucos vai cedendo lugar ao sentimento de familiaridade ensejado no encontro com essa língua, no encontro de si nessa língua e nos encontros com outros que ela pode mediar.

Considerações Finais

Concluimos este trabalho retomando seus objetivos, quais sejam, analisar as representações de língua portuguesa que emergem nos dizeres dos participantes e discutir uma possível relação entre a memória discursiva sobre língua e Brasil e a aprendizagem dessa língua, que ao mesmo tempo em que é a língua do país de acolhida lhes é, também, estrangeira. Cumpre-nos ainda problematizar os efeitos dessa possível relação na constituição subjetiva dos participantes, considerados nesta pesquisa, como migrantes.

No que concerne às representações de língua portuguesa, não houve, como prevíamos, diferenças ou contradições que pudessem indiciar efeitos de sentido díspares, decorrentes, dentre outros fatores, das posições discursivas dos participantes, no caso, um estudante africano e um europeu. Nossos gestos de interpretação dos dizeres dos participantes deram-se, então, na direção de apontar sutis alterações nos modos como a língua do outro é representada, decorrentes da experiência de migração.

O pragmatismo que muitas vezes é atribuído ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira afasta-se nesse caso. Não foi possível indiciar, na análise, qualquer aspecto nas representações que limitasse a aprendizagem da língua simplesmente a fins instrumentais, utilitaristas ou que valorasse o português como uma mercadoria ou conhecimento, o que nos

remeteria ao discurso da globalização. Ao contrário, percebemos que a aprendizagem pautou-se no desafio implícito do encontro-confronto com a língua outra, na medida em que essa língua enseja a entrada em um novo universo de significações. Pareceu-nos que a aprendizagem foi construída a partir do momento em que, enquanto sujeitos de linguagem, os participantes desta pesquisa possibilitaram a abertura e expansão de suas ilusórias fronteiras subjetivas para acolher o novo, o estranho, o inusitado e se deixar (trans)formar por ele.

Ademais, a partir da presença de dêiticos e da narração de experiências com a língua antes e durante a mobilidade, foi possível verificar os efeitos, na constituição subjetiva dos participantes, da relação que estabeleceram com a língua, relação construída na tensão entre um passado e um presente. Ora ela se baseia na remissão à memória discursiva de Brasil e de língua portuguesa, o que permite amenizar o estranhamento diante de uma língua que lhes seria estrangeira, mas que se lhes apresenta como familiar; ora é o contrário que se configura, evidenciando o efeito do conflito diante do inesperado, da dificuldade e do obstáculo a ser vencido no processo de encontrar, na língua, uma brecha na qual os participantes pudessem se ver inscritos e se inscrever discursivamente.

Assim, cremos ser possível afirmar que antes da mobilidade, a relação que os estudantes estabeleceram com a língua portuguesa é regida por representações que enfatizam o eixo estranho-familiar e que, durante a mobilidade, a direção tende a se inverter para o familiar-estranho. É certo que a familiaridade travada e vivida na estrangeiridade da língua do outro enseja a alguém saber-se e, aos poucos, ser “sabido” por ela, algo que pode sinalizar um desejo por outros significantes que digam o sujeito e por meio dos quais o sujeito possa se dizer e discursivizar-se de uma posição marcada pelo *unheimlich*: nem materno, nem estrangeiro, mas os dois na sincronia da enunciação. Afinal, como ressalta Revuz (2001, p. 227), “Quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais e se experimenta um sentimento de



deslocamento em relação à comunidade de origem”. Para estes estudantes, portanto, o encontro-confronto com a língua-cultura do outro, inerente à experiência de migração proporcionada pela mobilidade internacional, parece ter causado um deslocamento de si mesmo, analisado, aqui pela via da relação com a língua estrangeira.

Referências

ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução José H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **O ensino de Português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino**. Brasília: UNB. 2010.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. 2005. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

CORACINI, M.J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

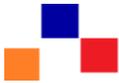
FREUD, S. (1921) Identificação . In: FREUD, S. **Psicologia de grupo e a análise do ego. Além do princípio de prazer** - Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.18. Rio de Janeiro: Imago,1996.

_____. (1919). O estranho. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 17, p. 233-270.

FUKS, B. **Freud e a judeidade: a vocação do exílio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GREGOLIN, M. R. F. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: Roberto Leiser Baronas. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 155-168.

GRIGOLETTO, M. Língua, discurso e identidade: a língua inglesa no discurso da mídia e a construção identitária de brasileiros. **Filologia e linguística portuguesa**, USP, n. 9, p. 213-227, 2007.



HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, A.; TAVARES, C.V.N. **Representações de Brasil**: análise dos dizeres de estudantes intercambistas europeus e africanos. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELMAN, C. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992

MOITA LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira**: ideologia linguística para tempos híbridos. DELTA, São Paulo, v. 24, n. 2, p.309-340, 2008.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Segmentar ou recortar?** Série de estudos, Faculdades Integradas de Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução José H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1975; 1988, .

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.) **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.213-230.

TAVARES, C.N.V. Fronteiras litorâneas no conceito de sujeito em pesquisas sobre a subjetividade em jogo no ensino-aprendizagem de línguas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n.2, p. 299-316, maio/agosto 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em 05/11/2014.

Aceito em 02/05/2015.

Carla Nunes Vieira Tavares

É doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP e em Ciências da Linguagem pela Université de Franche-Comte, França; professora do Programa



de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia; vice-coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Subjetividade (GELS).

Email: carla.tav@uol.com.br

Adriano Henriques

É mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da Prof. Dr. Carla Nunes Vieira Tavares; bolsista do Programa Canadense ELAP (Emerging Leaders in the Americas); Visiting Researcher na University of Manitoba - Canada.

E-mail: henriquess@gmail.com

Anexo

Roteiro de entrevista semi-estruturada.

- Porque você escolheu o Brasil para seus estudos?
- Que imagem de Brasil e de língua Portuguesa você tinha antes de chegar aqui?
- E agora que está vivendo aqui o que você diz a respeito dessa imagem?
- Qual é sua relação com a língua portuguesa?
- Como você se percebe em relação à cultura brasileira?
- Como você percebe o brasileiro e sua relação com os estrangeiros?